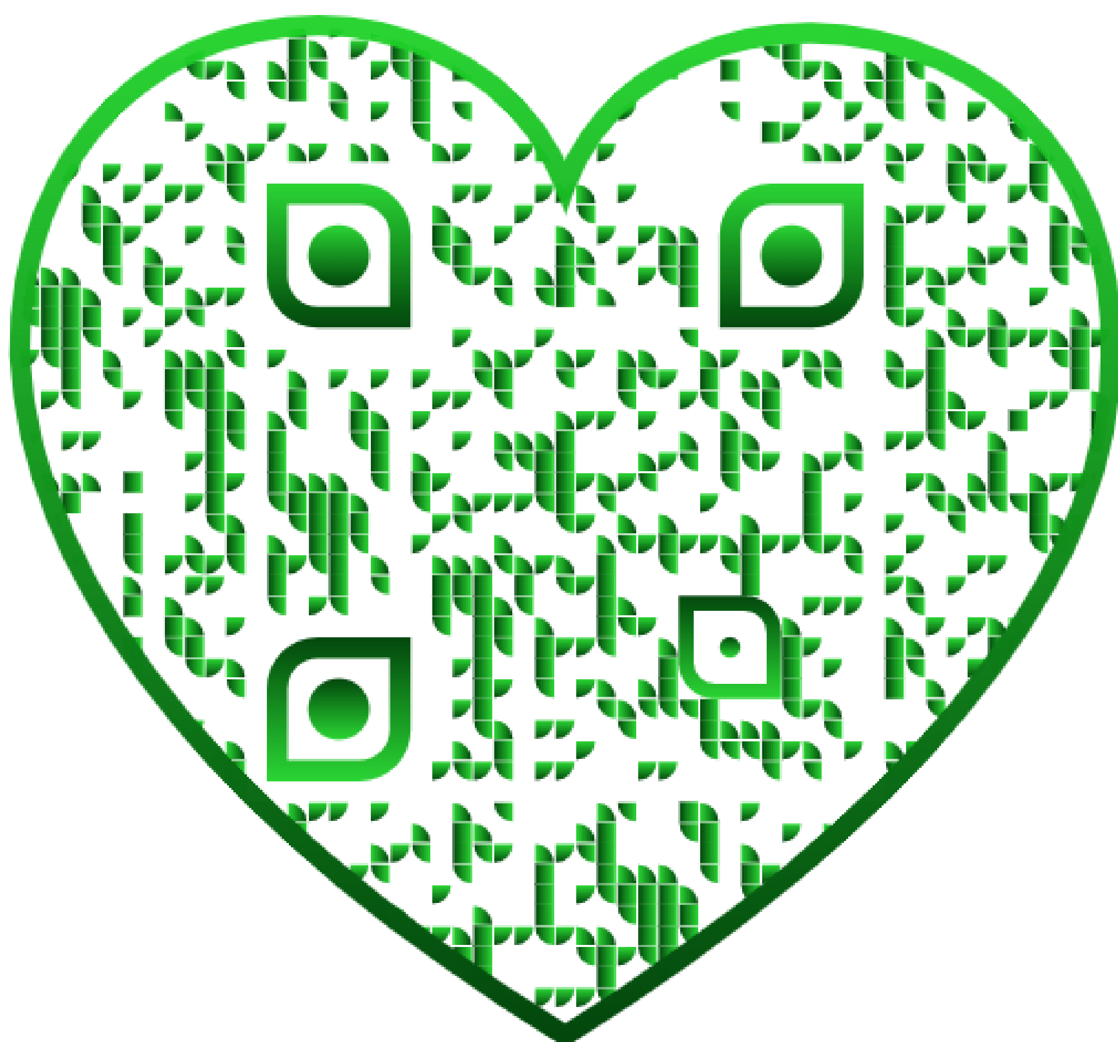


GRACE DRAVEN

author of *MASTER OF CROWS*







Essa tradução foi feita pelo grupo Shifter's Homeland, de forma a proporcionar ao leitor o acesso à obra, motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros destina-se, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

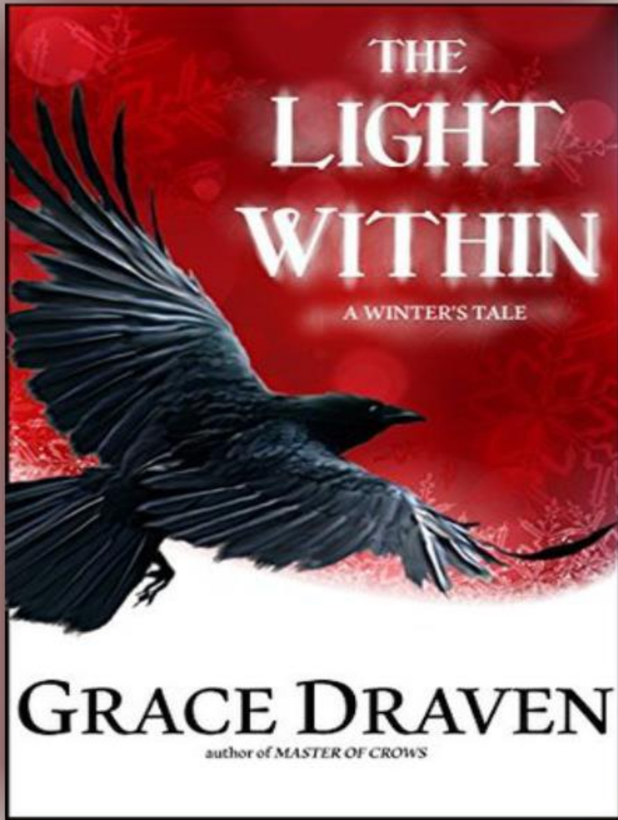
O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.

Shifte's Homeland

Equipe Shifter

Envio: Bec D Hunter
Tradução: Samara S.
Revisão Inicial: Leticia F
Revisão Final: Juliana B.
L.F. e Formatação: Bec D Hunter

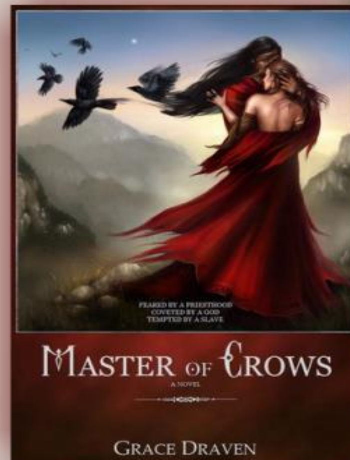
Shifters Apresenta

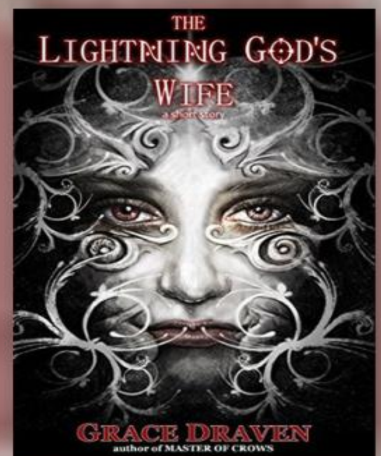


Lançamento



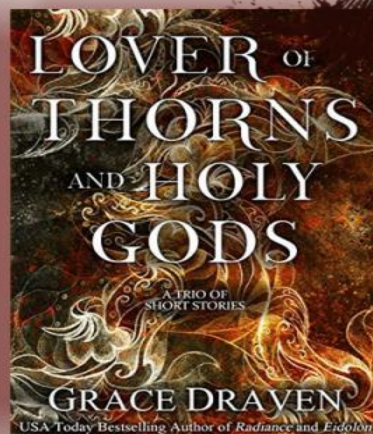
Distribuídos!











Em breve!

Sinopse

Uma breve história curta com Silhara e Martise de MASTER OF CROWS.
Em The Light Within, Silhara de Neith, agora conhecido como "O destruidor de deuses", viaja como convidado de honra para o festival de inverno do povo de seu pai.

O mago dos corvos que destruiu um deus deve acender as fogueiras sagradas em homenagem a outro. No entanto, o festival de inverno apenas lembra Silhara que a luz mais brilhante dentro dele não é o fogo de uma divindade, mas a devoção de uma mulher.

Um conto de esperança e celebração.

Nota do autor: Esta história ocorre após os eventos de MASTER OF CROWS. É uma história curta de aproximadamente 3.700 palavras. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são um produto da imaginação do autor. Localidades e nomes públicos são por vezes usados para fins atmosféricos. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou para comércio, negócios, eventos, instituições ou locais é completamente coincidência.

Dedicado à minha irmã Kim, para quem este conto foi escrito e publicado.





Silhara guiou ao longo do alto caminho que serpenteava para Dramorins, uma das mãos nas rédeas, a outra nas costas de Martise enquanto cavalgavam na sela, encolhida contra ele para manter o calor. Uma fila de pôneis peludos Kurman trotavam à frente e atrás deles, com seus condutores dando um pouco de cor ao terreno branco de neve.

Os grandes abetos [1] em ambos os lados da passagem elevavam-se acima deles como sombrias sentinelas, seus galhos se curvavam como mortalhas de neve. Eles rangiam e balançavam levando a neve que girava e dançava através do ar antes de pousar em cavalos e condutores. As árvores bloqueavam o pior do vento,

---

1 



mas algumas rajadas perdidas rompiam o escudo da folhagem e assobiava através da passagem, direto como uma flecha.

Martise levantou a cabeça do abrigo oferecido pela capa de inverno pesada de Silhara e seu abraço. — Eu pensei que os ventos das planícies eram difíceis de suportar. Estes cortam como facas. — Ela conseguiu falar entre seus dentes batendo. A ponta de seu nariz estava vermelho brilhante, e ela estremeceu fortemente em seus braços.

Silhara se preparou para o choque de frio inevitável de suas mãos enluvadas quando elas deslizaram pelo seu corpo até se enterrar debaixo de seus braços. Ele se juntou a ela estremecendo. — As suas mãos estão mais geladas do que o toque de um fantasma.

— Isso é porque eu estou quase congelando até a morte. — Ela abandonou suas axilas para percorrer um caminho para baixo de seu corpo indo para os cordões de sua calça.

Ele agarrou um de seus pulsos. — Nem sequer pense nisso, — alertou. — Eu não quero mijar pedaços de gelo mais tarde. — O pensamento dos dedos frios de sua esposa envolta do seu pênis para se aquecer fez suas bolas apertarem.



Martise puxou, ainda tentando enfiar as mãos em suas calças. — Eu não posso manter meus dedos quente.

Silhara levantou a mão dela, levando à boca, puxou a luva e soprou. Martise caiu em seus braços gemendo sua aprovação. Ele fez o mesmo com a outra mão antes de aninha-las de volta sob os braços e dando-lhe um aviso severo para não ir em qualquer lugar perto de sua virilha.

Envolta em camadas de lã, pele e um casaco com capuz, Martise escondeu o rosto no peito de Silhara e riu. O som enviou vibrações agradáveis através de seu peito. — Melhor? — Perguntou.

— Muito. Você tem um coração mole.

Ele franziu a testa. — Não precisa insultar. — Ele sentiu sua risada mais uma vez, seguido por palavras abafadas. — O que você disse? — Perguntou.

Ela levantou a cabeça e franziu a testa para ele. Um pequeno floco de neve soprou em suas pestanas, ela piscou o afastado. — Quanto mais para o a*vastra*?

Ele olhou além do ombro para o início da fila, uma vez que passaram por uma passagem entre dois dos picos Dramorin. —



Não está longe. Há uma abertura de vento que se abre para uma ruína e o próprio templo de fogo. Você saberá que estamos lá quando você ouvir o sino do portão tocar.

Todos os anos, as nove principais tribos que compõem a confederação Kurman se reuniam durante três dias para homenagear seu deus Damaza, Luz do Espírito em um ritual conhecido como *sehad*. Para esses três dias, as tribos colocavam de lado suas disputas de clãs e disputas territoriais e celebravam o ritual do fogo do inverno juntos em camaradagem relativamente pacífico não contava a briga de bêbados ocasionais ou desafios de lutas de improviso na neve.

Silhara compareceu a cinco *sehads* desde que se uniu com os parentes de seu pai e tinha estado ansioso para trazer Martise a um, para que ela pudesse testemunhar o brilho da grande fogueira e se juntar a ele na festa que viria depois. Eles tinham muito a comemorar, ele e sua esposa. Ela era uma mulher livre, completa e independente no corpo e na alma. Silhara não conseguia pensar em uma maneira mais condizente para reconhecer sua emancipação do que assistir a um ritual de um deus conhecido como Luz do Espírito.



Ele ouviu o primeiro repique do sino do portão antes que ele sentisse a brecha do vento. Ele dirigiu Gnat fora do caminho principal e o levou a uma parada. O cavalo grandioso bufou sua desaprovação e sacudiu a cabeça, ansioso para se juntar aos pôneis muito menores em sua procissão em direção ao *avastra*.

— Paciência, seu cachorro velho. — Silhara bateu-lhe no pescoço. — Isso vai levar apenas um momento.

Martise saiu do seu casulo de lã. — O que você está fazendo?

Silhara se soltou e deslizou para fora da sela. Ele fez sinal para ela desmontar. — Virando você. Estamos prestes a entrar na brecha de vento. Ela se abre para o *avastra*; você não quer perder essa primeira vista.

Eles montaram novamente e voltaram a procissão em minutos, Martise ainda na frente de Silhara na sela, mas virada para a frente, para que ela pudesse ter uma visão clara do que a rodeava. Eles passaram por uma abertura estreita de vento esculpido na montanha por uma corrente antiga que deixou sua memória na superfície ondulada da pedra. Flocos de neve desapareciam à deriva, poucos e preguiçosos flocos que encontraram seu caminho



para a abertura. O repique do sino ficou mais alto enquanto cavalgavam mais para o fosso.

A abertura foi se alargando, abrindo em um espaço semicircular, protegido do vento de todos os lados por paredes de rocha pura, mas aberto ao céu. Um sino pendurado em um poste de ferro preso atravessado no chão pendia na borda da abertura do vento. Um rapaz estava ao lado dele. Cada vez que um cavaleiro emergia da brecha, ele tocava o sino, anunciando a chegada de outro participante da *sehad*.

A boca de Silhara se curvou em um sorriso satisfeito ao suspiro de Martise quando entraram no espaço aberto do *avastra*. Ele tinha experimentado a mesma sensação quando viu pela primeira vez anos antes. Como um córrego seco que tinha cortado um caminho e memória na montanha, aqueles que viveram aqui há muito tempo tinham deixado sua marca.

Uma ruína tão antiga como Neith, se não for mais velho, as únicas coisas restantes eram aquelas partes da arquitetura cinzeladas diretamente na montanha. O córrego era a fonte de água, a abertura um ponto de acesso facilmente defendido. Os edifícios de madeira que poderiam ter existido apodreceram,



deixando apenas poeira. Os Kurmans se apropriaram da ruína para o templo do fogo gerações antes de Silhara nascer e deixaram indícios de sua ocupação nas marcas de queimadura que enegreciam a terra endurecida pelas fogueiras anuais do *sehad*.

O *avastra* estava repleto de pessoas - Kurmans de todas as nove tribos com suas roupas coloridas. Recém-chegados encontravam a amigos e parentes. Os abraços eram trocados, os copos de *arkii* passavam ao redor, os convites estenderam para compartilhar as fogueiras menores do acampamento construídas longe do montão colossal da madeira e do acendimento da pira de prata ajustada no centro do *avastra*. Nove tochas do espírito, cada uma representando uma tribo, cercava o círculo interno do *avastra*, esperando para ser acesa com a chama sagrada da fogueira e levada para casa para compartilhar entre os fogos da lareira da tribo. O estômago de Silhara resmungava com os aromas que fumegavam dos vários potes de cozinha feito pelas mulheres e o sedutor perfume de tabaco *matal* que flutuava lhe provocava as narinas.

Martise ignorou tudo. Ela se contorceu na sela, excitação óbvia em sua voz quando ela se virou para ele. — Guie o Gnat para aquela coluna, — ela apontou para um dos pilares esculpidos



na rocha. Gavinhas[2] mortas com espinho de prata cobriam a maior parte de sua superfície, obscurecendo os símbolos esculpidos de seu início até sua base.

Silhara dirigiu Gnat para onde ela apontava. Martise raspou os frágeis galhos com uma mão enluvada e se inclinou para fora da sela para um olhar mais atento. Seus lábios se moviam silenciosamente enquanto ela decifrou os símbolos.

— O que eles dizem? — Silhara era praticamente inigualável na sua capacidade de invocar e usar magia, mas ele não era um tradutor. Tal habilidade caiu para sua esposa cujo dom com as línguas nunca deixou de surpreendê-lo.

Suas sobrancelhas se ergueram quando Martise levantou um dedo, uma ordem silenciosa para esperar. Ela desceu de Gnat para se agachar na base da coluna e ler os símbolos restantes. Ela olhou para Silhara, seus olhos cor de cobre brilhando na luz do inverno.

---

2  **Gavinha:** É um órgão preênsil presente nas plantas trepadeiras. São estruturas filiformes, simples ou bifurcadas na extremidade, com a função de agarrar ramos, galhos, folhas, ou qualquer outro objeto que sirva de apoio para a planta em crescimento.



— Isto é o que resta da fortaleza conhecida como Alto Salure, um posto avançado do reino de Beladine.

Silhara olhou para os arredores. Sua primeira impressão do *avastra* foi que tinha sido uma fortaleza de algum tipo. O antigo reino de Belawat havia desaparecido há muito tempo, mas o Conclave mantinha registros de sua existência, registrados pelos sacerdotes durante os dias de inauguração do Conclave. Belawat estava situado do outro lado dos Dramorins. Este posto avançado distante deve ter guardado uma fronteira importante, supervisionada por um guarda de fronteira. Destruído, abandonado ou ambos, servia agora como um templo improvisado para o povo Kurman nômades que se reuniam uma vez por ano para honrar Damaza com fogo.

— Martise! Martise! — Um coro de vozes femininas gritaram por cima do sino, o balido do gado e os gritos das pessoas.

Silhara avistou um grupo de mulheres Kurman correndo em direção a eles e prontamente afastou Gnat de Martise. Ela sorriu para Silhara. — Fugindo?

Ele curvou-se de seu alto poleiro em Gnat. — Eu tenho um forte instinto de sobrevivência. Eu a deixarei com elas. — Ele fez



como ela acusou e fugiu para a segurança do cercado improvisado construído para os pôneis em um canto distante do *avastra*.

Quase não tinha desamarrado Gnat antes de ser arrastado por uma horda de homens da tribo. Aqueles que o conheciam pessoalmente, batiam-lhe nas costas ou brincavam com ele. Aqueles que o conheciam apenas pelo título e pela reputação recuaram, olhando para ele com expressões maravilhadas. Silhara não achava que jamais se acostumaria a esses olhares.

Depois de várias promessas de visitar os acampamentos individuais e ficar para um trago ou uma xícara de *arkii*, os Kurmans deixaram ele terminar com Gnat e recolher os pacotes que ele e Martise tinha trazido para a sua viagem ao ritual *sehad*.

— Você não parece mais impressionante para mim agora do que quando eu vi você durante o verão. A maneira como todo mundo tem falado seu nome, eu pelo menos esperaria um par de asas ou talvez olhos brilhantes. Você ainda é o mago dos corvos esfarrapado que eu sempre conheci.

Se inclinou para segurar Gnat, Silhara sorriu para a voz familiar e se levantou. Ele encontrou sua tia Acerbic atrás dele, empacotada em camadas de saias e mantos em tons escarlate,



violeta e lilás. Os minúsculos sinos costurados em seu turbante cantaram um tênue tilintar quando ela se inclinou em um dos trilhos paddock e acenou para ele se juntar a ela.

Acerbic era sua âncora com o povo de seu pai. Ela era a quarta consorte da *sarsen* da sua tribo, mas governava seu marido chefe e suas esposas como se ela não fosse apenas a primeira consorte, mas a *sarsena*. Silhara beijou ambas as bochechas e aceitou o cachimbo de tronco longo que ela lhe entregou. Ela acendeu o cachimbo com um minúsculo carvão em sua própria tigela e logo o cheiro de *matal* rodopiou em torno deles, desvanecendo-se nas rajadas de neve que espanava o ar.

Suas próximas palavras o fizeram lembrar de novo que nem todos estavam maravilhados com ele. — Não me envergonhe bebendo tanto *arkii* que você não possa andar em linha reta e acabar tropeçando no fogo sagrado.

Silhara bufou um fluxo de fumaça pelo nariz. — Sua preocupação com minha possível morte por sacrifício bêbado é emocionante.

Eles trocaram sorrisos e passaram vários momentos compartilhando a fumaça e vendo os Kurmans prontos para a



fogueira à noite. Silhara encontrou Martise ainda em meio a um grupo de mulheres Kurman, conversando tão facilmente em Kurmanji como se tivesse nascido para a linguagem.

— Foi bom que você viesse. — O leve tinir dos sinos em seu turbante enfatizou o aceno de aprovação de Dercima.

Silhara encolheu os ombros. Quando o *sarsen* Karduk convidou-o como convidado de honra para o festival, ele nunca considerou recusar. — Estes são meus povos.

— Pensam que é uma grande honra que o destruidor de Deuses acenda o fogo sagrado e as nove tochas.

Ele revirou os olhos para seu tom provocador. — Lembre-me depois disto de caçar quem quer que inventa estes títulos ridículos para que eu possa eviscerá-los. Lentamente. — Ele puxou outro trago longo de fumaça picante e exalou uma procissão de anéis de fumaça. — Eu ainda sou Silhara. Cultivador de laranja, mago dos corvos, bastardo de houri.

Dercima o olhou do canto de um olho. — Não nos esqueçamos do ladrão, do herege e do sacerdote do Conclave.

— Noviciado, — ele corrigiu. — E você está recitando meus fracassos ou sucessos?



Ela riu antes de seu olhar procurar e encontrar Martise. Suas feições ficaram sérias. — E o que é ela, sua nova esposa?

Silhara não hesitou. — Minha humanidade.

Dercima manteve os olhos em Martise. — Uma vez eu lhe disse que ela abraçou as sombras.

— Se ela permanecer comigo, sempre o fará. — A noção de que talvez a perdesse deu um frio na espinha de Silhara. Quase perdeu Martise uma vez. Nunca mais. Não, se ele tivesse uma palavra a dizer.

Os pequenos sinos tocaram mais uma vez enquanto Dercima lhe dava um aceno de despedida. — Vou dar as boas-vindas a Martise ao *avastra*. Não fique lá como um príncipe gordo esperando para ser servido. Até mesmo os amantes dos Deuses têm de instalar suas próprias tendas aqui. — Ela piscou e o abandonou no paddock.

Silhara riu e balançou a cabeça. Terminou a tigela de tabaco, encontrou um ponto claro ainda não reivindicado por outra família Kurman e montou acampamento. Martise juntou-se a ele, construiu seu fogo de acampamento e água aquecida em seu pote de cozinhar enquanto ele desmontava seu equipamento e o



guardava dentro e ao lado de sua barraca. Quando terminou, ela tinha uma xícara de chá quente esperando por ele.

Ele sentou-se ao seu lado em uma pilha de palha coberta por um pequeno tapete para mantê-los secos. Martise aproximou-se dele até que seu quadril pressionou o dele. Silhara aproveitou-se de sua relativa privacidade para acariciá-la enquanto admirava a forma como o fogo iluminava seu perfil. Uma mulher simples para a maioria dos olhos, ela lhe roubou a respiração toda vez que ele a olhava. — Você está pronto para dançar e beber esta noite até que você não possa se levantar?

Martise sorriu. — Eu prometo pisar nos seus pés.

Silhara adotou um sorriso de lobo em troca. — Eu prometo ter minhas mãos levantando sua saia pelo menos uma dúzia de vezes. E elas ficarão muito mais quentes do que suas mãos.

Eles compartilhavam uma pequena ceia e mais chá entre eles, salvando o *arkii* poderoso e fermentado para mais tarde. À medida que a noite ia caindo, o céu desapareceu e a neve parou de cair. O *avastra* desprotegido estava abobadado sob um céu índigo coberto de estrelas.



Um silêncio expectante se instalou sobre a multidão de Kurmans quando os chefes de cada uma das nove tribos se reuniram e se aproximaram da pira. Todos, com exceção de um, carregavam uma pequena urna com as mãos enluvadas. Em cada urna, uma chama cintilava e dançava em seu leito de brasas. O nono chefe segurou um bastão e ergueu-o para o céu. Silhara ajudou Martise e ficou de pé enquanto a multidão se levantava em resposta.

O chefe falou. — Nossos rapazes trouxeram o espinho de prata dos lugares sagrados junto com os quatro fogos de *yazata*: templo, fogueira, relâmpago e cremação. Nós os reunimos para que eles possam se tornar a luz divina de Damaza que reside nos corações de todas as criaturas e traz bênção para nossas casas.

Ele se virou para Silhara e curvou-se. — Tu nos honra com a tua presença, Silhara de Neith, filho do nosso irmão perdido. Os fogos esperam por você.

Durante as anteriores *sehads* que ele tinha assistido, o convidado de honra usou uma tocha embebida em pinho para reunir cada uma das quatro chamas *yazata* das urnas e acender a pira. O mesmo aconteceu quando chegou a hora de acender as



nove tochas representando cada tribo. Era um ritual sombrio, ansiosamente aguardado pela multidão que assistia e que sabia que uma vez que os fogos foram acesos, a verdadeira celebração começava.

Este ano, Silhara planejou dar-lhes um espetáculo que não esqueceriam tão cedo.

Ele se aproximou dos chefes segurando as urnas de fogo e gesticulou. Um coro de suspiros e gritos surpreendidos ecoou por todo o *avastra* enquanto desenhava uma linha de fogo da primeira urna. Ele ondulou no ar a frente de Silhara, encantado como uma serpente pelo movimento de suas mãos. A chama enrolou-se sobre si mesma, transformando-se em uma forma distinta - o familiar pônei das montanhas e símbolo da tribo Hursunga. Os assobios e os yups da aprovação carregaram através da multidão enquanto o pônei ardente galopou através de uma paisagem até mergulhar no monte da pilha de madeira e da prata.

Chamas estouraram pela superfície da pira, disparando faíscas na escuridão. O rugido da multidão cresceu quando Silhara persuadiu as chamas de suas urnas de transporte e as moldou em totem de cada tribo: falcão e lobo, cervo e raposa, coelho e



cachorro. Da última urna, desenhou os dois últimos símbolos - grifo e corvo. Eles voaram, saltaram, saltaram e entraram na pira ardente.

O Conclave zombaria de suas travessuras. Truques indignos, baratos feitos por um vil mago dos corvos para entreter nômades ignorantes. Silhara sorriu ao pensar. Ele puxou fogo da pira brilhantemente ardente. Chama sagrada composta dos fogos de *yazata* agora combinados. Na direção de suas mãos, o fogo girou em si mesmo em uma esfera brilhante de calor até que pairou acima de suas palmas. Silhara invocou um feitiço de duas palavras e soprou no orbe. Atravessou o *avastra*, acima da multidão, em direção às nove tochas altas. O orbe dividido em esferas menores, cada um contra uma tocha e os colocando em chamas.

A multidão gritou sua aprovação. Silhara curvou-se diante dos nove chefes de olhos arregalados que se curvaram para trás. O ritual estava terminado. Hora de celebrar.

Silhara pegou uma risonha Martise em seu abraço e girou-a na multidão que dançava, saltando envolta da fogueira. — O que você acha? — Ele gritou acima do barulho.



Ela riu. — Um raio teria sido mais impressionante. — Ela riu ainda mais com sua carranca.

— Você é difícil de agradar. — Ele a girou pelo chão, suas saias se prendendo em suas canelas.

Martise dançou em seus braços. — Para você, é fácil. Você me agrada apenas por existir. — Ela gemeu um protesto quando ele quase quebrou suas costelas em um abraço forte.

Ela manteve sua promessa de pisar em seus pés durante a dança, e ele manteve a sua, mãos mergulhando e mergulhando sob suas saias para acariciar suas coxas delgadas quando ele pensou que ninguém estava olhando. Ele conseguiu não embaraçar sua tia caindo na fogueira, mas ele bebia bastante *arkii* tanto que a curta caminhada para a sua tenda no amanhecer era mais como um tropeço lento.

Ele não conseguia se lembrar se ele carregou Martise naquela noite ou se ela o levou, ou se importava. A única coisa que importava era que ele acordou com ela envolvida, quentinha e nua sob as camadas de peles e cobertores.

O fogo sagrado queimou por mais dois dias com mais comemoração, festa e bebedeira. Foram feitas apostas quanto ao



tamanho da colheita de recém-nascidos que cada tribo acolheria em nove meses. Na manhã do último dia, a fogueira tinha queimado até a cinza refrescante e Silhara pensou que poderia perder seu estômago se ele apenas sentisse o cheiro de *arkii*. Seus ossos doíam do frio e dormiam várias noites em solo duro. Ele sentia falta do santuário em ruínas de Neith e do calor confortável da cozinha de Gurn.

Martise não parecia melhor do que sentia. Ela lhe deu um sorriso cansado. — Sinto saudades de casa.

Suas palavras emitiram uma arremetida do calor através das veias de Silhara. Esqueceu suas dores e carregou o Gnat tão rapidamente que mais do que alguns homens das tribos pararam para perguntar sobre sua pressa para sair.

Dercima abraçou os dois antes de partir, seu sempre presente cachimbo entre seus dentes. Ela falou em volta do cachimbo. — Você se condenou, sabe? Eles clamam por você a cada ano, querendo que você faça cavalos de fogo e gaviões e acender as tochas com brilhantes bolas de fogo.

Silhara franziu o cenho. Ele não tinha considerado tais repercussões quando ele soltou um toque de feitiçaria no ritual. —



Vamos ver, — disse ele em sua voz duvidosa. Ele ignorou os sorrisos conhecidos que Dercima trocava com Martise.

Os Kurmans lhe ofereceram uma pequena tocha iluminada pelo fogo sagrado para levar para casa até o seu lar. Silhara recusou educadamente.

Eles estavam na metade de casa quando Martise colocou em palavras a pergunta que ele estava esperando ela perguntar. — Por que você recusou uma chama sagrada? Você não quer a bênção de Damaza em Neith?

Ela compartilhou a sela com ele mais uma vez, andando na frente para que ela o enfrentasse, suas pernas dobradas sobre suas coxas, seu corpo agindo como abrigo para o dela. Seus olhos brilhavam em um rosto pálido pelo frio. Silhara riscou a linha graciosa de seu pescoço com um dedo enluvado.

— Quase matei a nós dois tentando tirar um deus de Neith, Martise. Por que eu iria convidar outro através do meu limiar depois de todo esse esforço?

Ela inclinou a cabeça, intrigada. — Damaza não é Corruption. Ele é um deus benevolente para o seu povo.



— Benevolente ou não, eu ainda não encontrei um que não é uma dor na bunda da humanidade

Martise balbuciou, entre risos e um gemido horrorizado. — Você é o homem mais blasfemo que eu já conheci.

A mão livre de Silhara percorreu seu ombro para acariciar seu peito suavemente. Ele balançou as sobrancelhas para ela. — Você me seduziria com bajulação?

Ela riu e colocou a mão sobre a dele, pressionando mais firmemente contra seu peito. — Está funcionando?

As narinas dele brilharam. Ele queria sua esposa, mas em sua cama confortável. Ele teria que convencer Gnat a se mover um pouco mais rápido. Silhara contentou-se em plantar beijos leves no rosto gelado de Martise, aquecendo-a até um rubor cobrir sua pele. Ele agarrou sua boca sob a dele, puxando gentilmente seu lábio inferior antes de varrer a língua para dentro dela para emaranhar-se com a dela.

Eles se separaram em respirações rasas. Silhara correu um polegar ao longo da encosta do queixo de Martise. — Eu não preciso de fogo de um Deus em Neith para abençoar os meus dias. Você é a bênção da minha casa, Martise. A luz dentro de mim.



A LUZ INTERIOR - COPYRIGHT © 2014 POR GRACE DRAVEN.

